

Nos dez anos acumulados entre 2011 e 2020, o PIB da Indústria de transformação retraiu 15,21% no Brasil. No mesmo intervalo o PIB nacional evoluiu apenas 2,69%. Em 2020, gravado pelo impacto da pandemia, o PIB da indústria geral retraiu 3,5%, da indústria de transformação - 4,3%, enquanto o PIB nacional encolheu 4,1%. No biênio de 2018 e 2019 o PIB do Setor industrial cresceu 0,5% em cada ano, realizando os melhores resultados desde o ano de 2013. Nos últimos 10 anos o PIB Industrial diminuiu sua participação no PIB de 23,1% para 17,65%. Quando analisada a participação apenas da indústria de transformação na economia, a redução foi de 11,7% para 9,7%. As opções de política de desenvolvimento adotadas nas últimas três décadas em especial levaram o setor industrial a se tornar um importador de insumos produtivos, retrocedeu a trajetória de absorção tecnológica em direção à uma especialização regressiva, com nítidas consequências negativas sobre o potencial de crescimento econômico e de impulsionar setores capazes de gerar maior valor adicionado, bem como incorporar a ampliar o potencial tecnológico.

Apesar do resultado ruim observado no ano de 2020, e na última década, os dados da Pesquisa Indústria Mensal (PIM) do IBGE apontam que o volume de produção agregado registrou os maiores impactos negativos entre abril e junho de 2020, nos primeiros meses da pandemia, com grande variação entre os subsetores. Na comparação do desempenho médio anual da produção física, o indicador do ano de 2020 não se mostra significativamente abaixo do observado nos quatro anos anteriores.

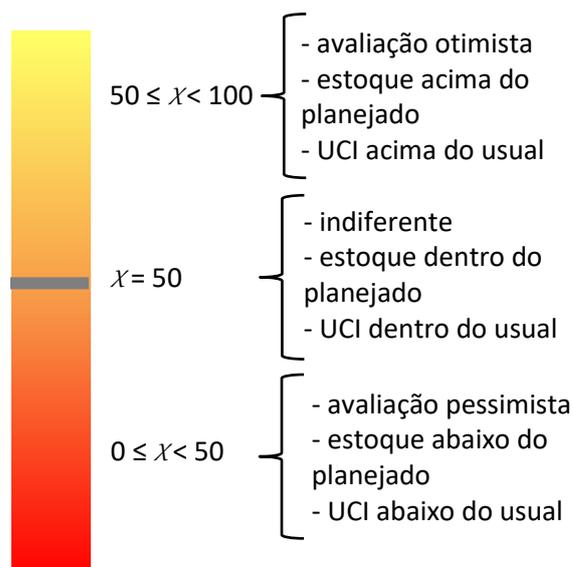
O Relatório FOCUS do Banco Central, da última semana de março, projetou um aumento da

produção industrial neste ano de 2021 de 5,24%. Nos últimos seis meses iniciados em janeiro, a PIM apontou uma melhor de 3,1 na produção física do setor industrial, comparado a igual período do ano anterior.

As páginas a seguir trazem alguns resultados da Sondagem Industrial (SI) e do Índice de Confiança (ICEI), elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) no Estado paulista. A Universidade Metodista de São Paulo, por meio do Observatório Econômico, realiza desde março de 2016 um recorte regional da indústria do Grande ABC em parceria com CNI e FIESP.

O indicador para cada item questionado na pesquisa é formado a partir da ponderação das respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X:



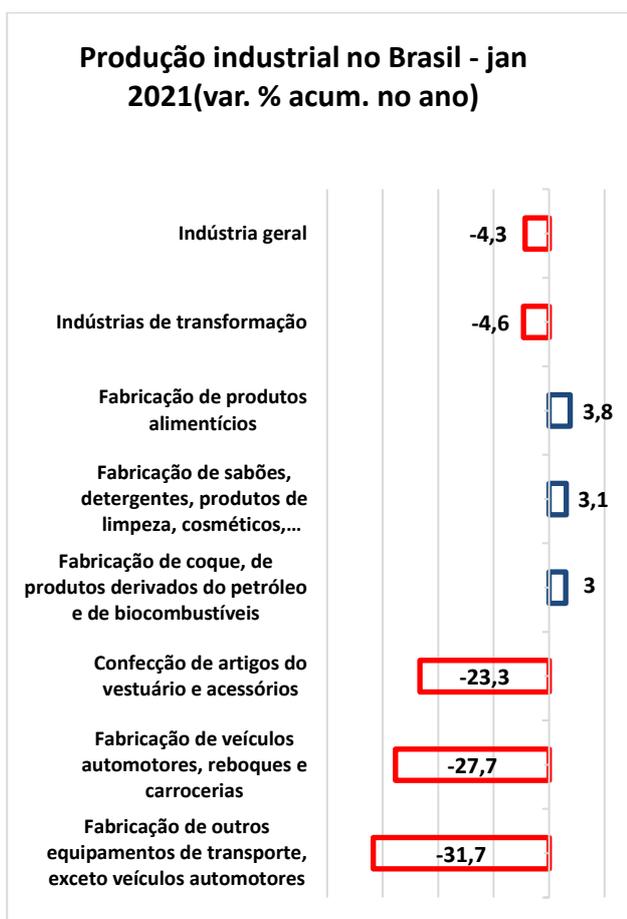
Impactos setoriais assimétricos da retração da produção industrial

A retração de 4,3% na produção física da indústria geral nos 12 meses encerrados em janeiro deste ano, de acordo com a PIM do IBGE, não reflete um comportamento homogêneo a todos os setores da indústria. Enquanto a indústria de transformação registrou uma queda de 4,6% na produção física no mesmo período no plano nacional, os subsetores de alimentos, produtos de limpeza e higiene e de derivados de petróleo registraram uma ampliação, ainda que tímida, da produção. Assim como os segmentos de farmoquímicos e celulose.

Do outro lado, os subsetores de produtos têxteis e confecção, fabricação de veículos e outros equipamentos de transporte registraram as maiores retrações na produção física.

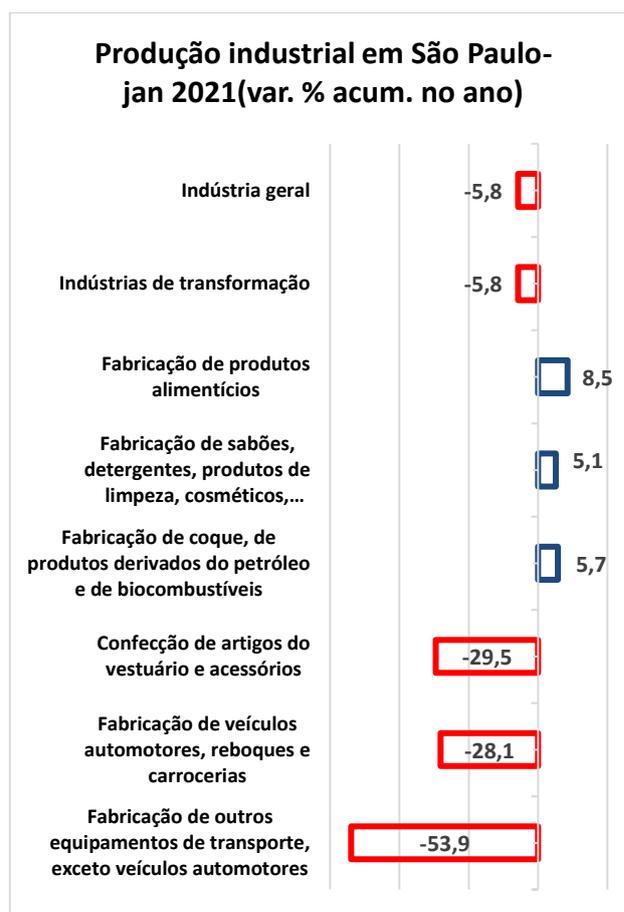
Comportamento semelhante observado também na indústria instalada no Estado de São Paulo. Difere no Estado de São Paulo a queda mais intensa observada no segmento de máquinas e equipamentos (-9,1%) e fabricação de produtos têxteis (-14,5%).

Produção industrial no Brasil - jan 2021 (var. % acum. no ano)



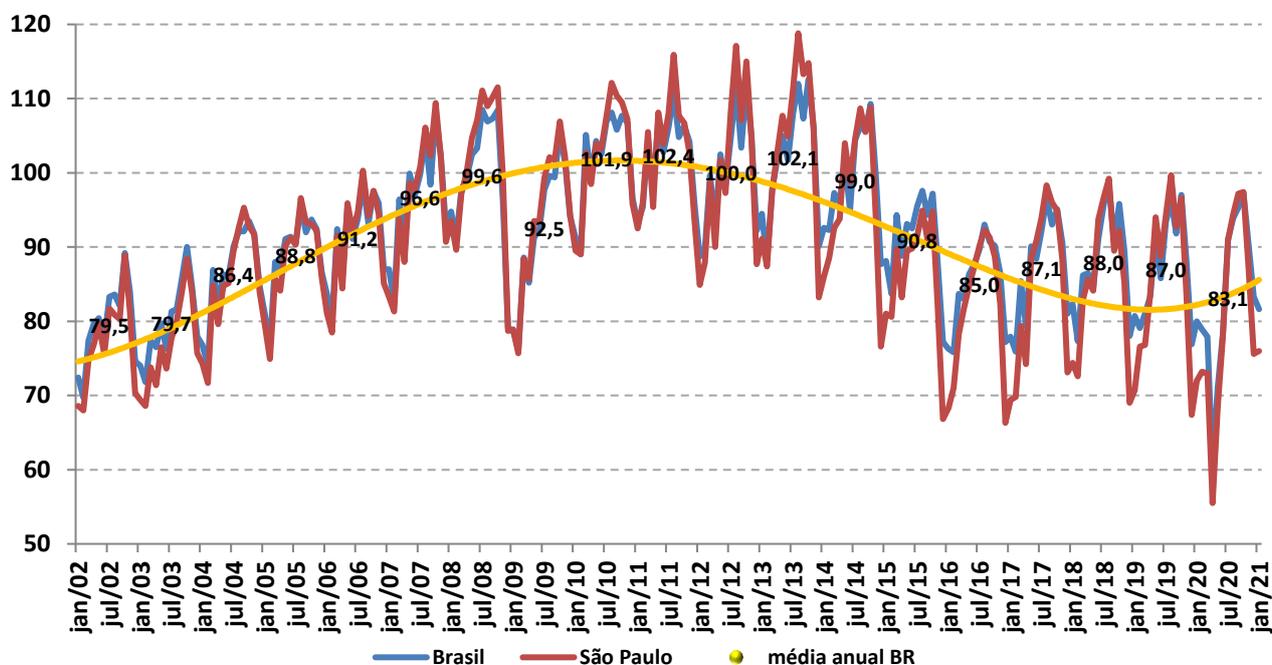
Fonte: Pesquisa Industrial Mensal / IBGE

Produção industrial em São Paulo - jan 2021 (var. % acum. no ano)



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal / IBGE

Pesquisa sobre Produção Física Mensal na Industrial - IBGE
(2012 = 100)



Fonte: PIM/IBGE

Este comportamento assimétrico dos diferentes setores da indústria reflete tanto a mudança no padrão de consumo provocada pela alteração na rotina das famílias, como os efeitos da redução do nível de atividade econômica, com ampliação do desemprego e menor volume de renda circulando.

As alterações na rotina de vida provocadas pelas orientações de distanciamento social, com ampliação do volume de trabalhadores em home office, e aumento dos cuidados com a saúde, ajudam a explicar a ampliação da produção observada no setor de alimentos, de produtos de higiene e limpeza e de farmoquímicos. Ao mesmo tempo, este também ajuda a explicar a retração na produção física do segmento têxtil e de confecção.

A elevação do desemprego e o menor nível de renda circulante contribuem para explicar a queda na produção física no setor de automóveis, mais sensível à variação de renda e acesso à financiamento, bem como dos segmentos de equipamentos de informática e produtos eletrônicos.

Não podemos deixar de observar também que o setor industrial brasileiro se tornou largamente dependente da importação de insumos produtivos nas últimas décadas. Entretanto, o efeito da pandemia no cenário econômico global levou a uma escassez de insumos em diversos setores no cenário internacional, prejudicando o setor industrial em nível global.

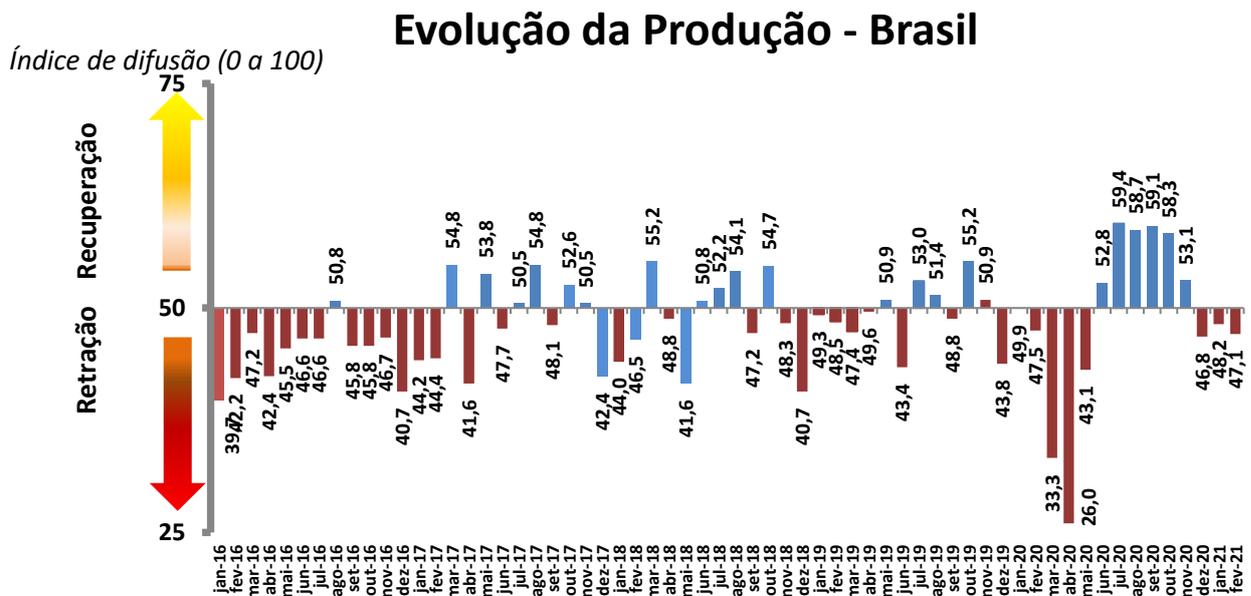
Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

Ao analisarmos o índice de difusão mensal para a evolução da produção industrial, em comparação com os meses imediatamente anteriores, mostra-se claro que os impactos mais severos da pandemia no setor industrial brasileiro ocorreram entre fevereiro e maio de 2020.

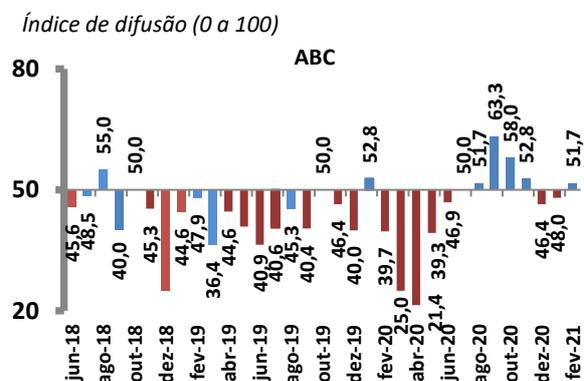
Apesar da moderada melhora na produção apontada pelos industriais nos meses subsequente,

o trimestre entre novembro 2020 e janeiro 2021 voltou a registrar redução no nível de produção.

Entretanto, é preciso parcimônia para avaliarmos o comportamento dos próximos meses, já que em geral o período de dezembro a fevereiro costuma ser sazonalmente desfavorável ao setor, como pode ser observado na série histórica da PIM do IBGE.



O setor industrial instalado no Grande ABC, que também registrou os efeitos mais perversos da pandemia no período de fevereiro e maior de 2020, em fevereiro de 2021 registrou praticamente uma estabilidade da produção em relação a janeiro, segundo os industriais locais. Cenário mais favorável que no plano nacional, na região sudeste e no Estado de São Paulo, que registraram queda na produção na avaliação dos respondentes da sondagem industrial.

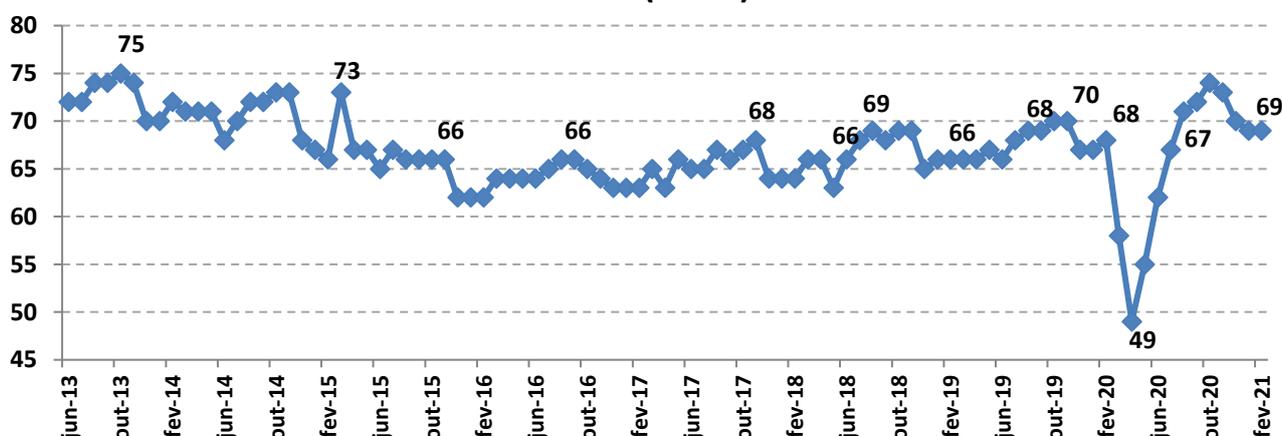


A grande ressalva neste ponto é ter a clareza que a atividade econômica do setor industrial ainda é bastante tímida.

Mostra-se essencial para esta avaliação a variação na utilização da capacidade instalada no setor industrial. Em nível nacional, em abril de 2020

registrou-se uma ociosidade de 61%. A partir de agosto o nível de utilização da capacidade instalada retomou para percentuais próximos ao observado nos meses anteriores à pandemia.

Utilização de Capacidade Instalada Brasil (em %)



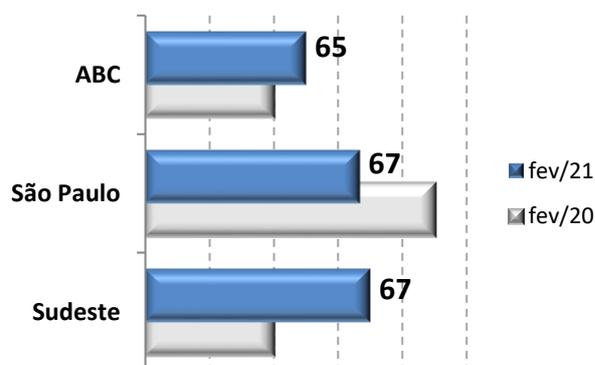
Comportamento semelhante também se observada na indústria da região Sudeste e do Estado de São Paulo.

No Grande ABC, a utilização da capacidade instalada ficou em 65%, um ponto percentual acima do registrado em fevereiro de 2020. No auge dos efeitos da pandemia, a utilização da capacidade instalada pela indústria do Grande ABC foi de apenas 39% (61 % de ociosidade).

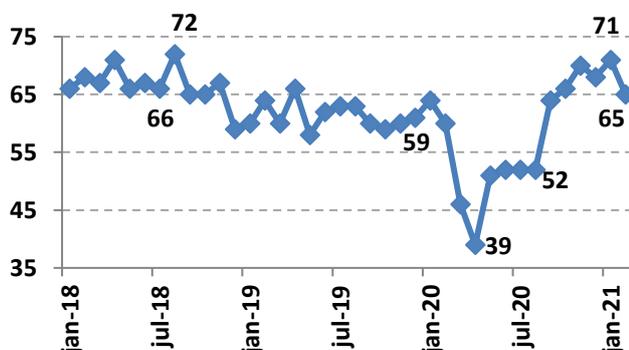
Ao que parece, observando as avaliações referente à capacidade ociosa e à trajetória da produção, o setor industrial conseguiu se adaptar com menos traumas ao ambiente restritivo imposto pelos protocolos exigidos pelo contexto da pandemia. Possivelmente pelo fato de suas operações não interagirem de forma direta com a circulação de pessoas. O que não exclui, obviamente os efeitos

provocados pela queda de demanda observada no atual contexto, apontado anteriormente, e pelas dificuldades impostas tanto pela dificuldade de acesso como pela elevação do custo de diversos insumos produtivos.

Utilização da Capacidade Instalada - Fev /2021 (em %)



Utilização de Capacidade Instalada
ABC (em %)



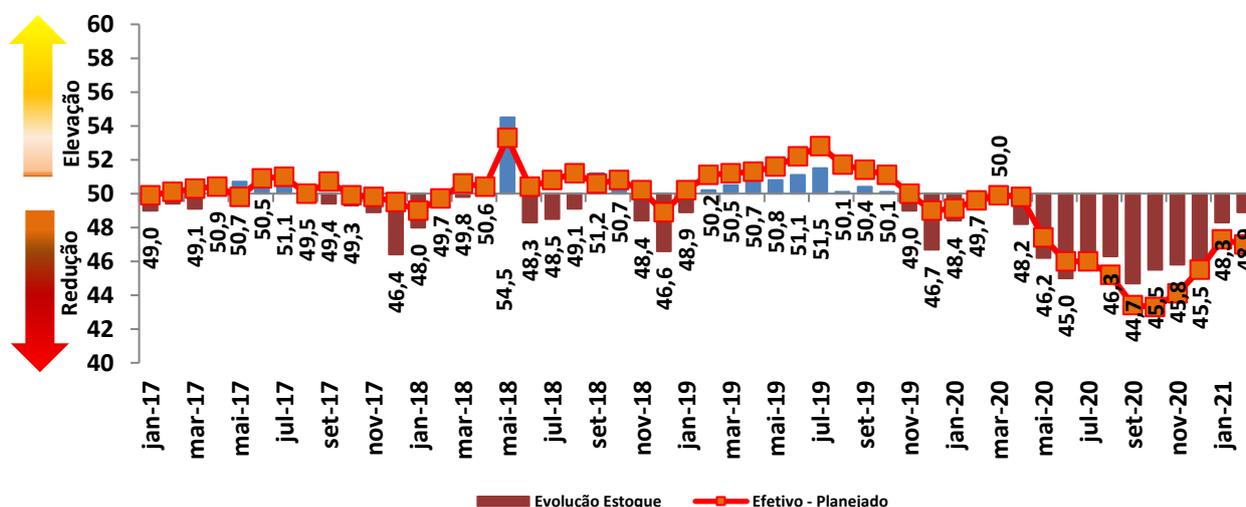
Com relação ao número de empregados, a sondagem industrial apontou um cenário diferente dos anos anteriores. Após avaliação de forte

diminuição no número de empregados no auge da retração produtiva provocada pela pandemia., após o mês de julho a sondagem industrial no plano nacional passou a apontar elevação no número de empregados no setor.

Este comportamento também se repetiu tanto na Região Sudeste quanto no Estado de São Paulo. No Grande ABC a indicação de melhora no nível de emprego no setor pode ser observada na sondagem industrial a partir de novembro.

Estas avaliações dos industriais participantes da pesquisa vão ao encontro das estatísticas divulgadas do mercado formal do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação com o Planejado - Brasil



Ao longo do último ano observa-se uma redução tanto do volume de estoques efetivos quanto dos estoques efetivos comparados ao planejado. O que não significa, a existência de um período de demanda satisfatória, capaz de reduzir os estoques. Mas sim o efeito do ajustamento do ritmo de

produção frente a um cenário de incerteza global e a necessidade de estratégias financeiras e operacionais defensivas por parte das empresas.

O setor industrial do Grande ABC apresentou comportamento semelhante, assim como na região Sudeste e no Estado de São Paulo. Possivelmente,

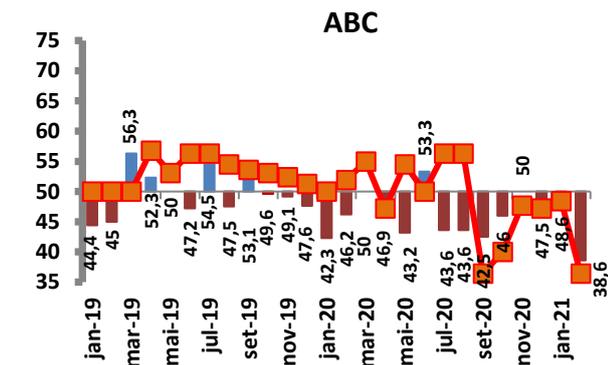
Região do Grande ABC / SP

enquanto não houver um cenário de maior previsibilidade futura, o setor industrial provavelmente tenderá a continuar a operar com estoques mais enxutos e planejamentos focados em prazos mais curtos.

ociosa e reestruturação das estratégias da empresa e maiores restrições financeiras.

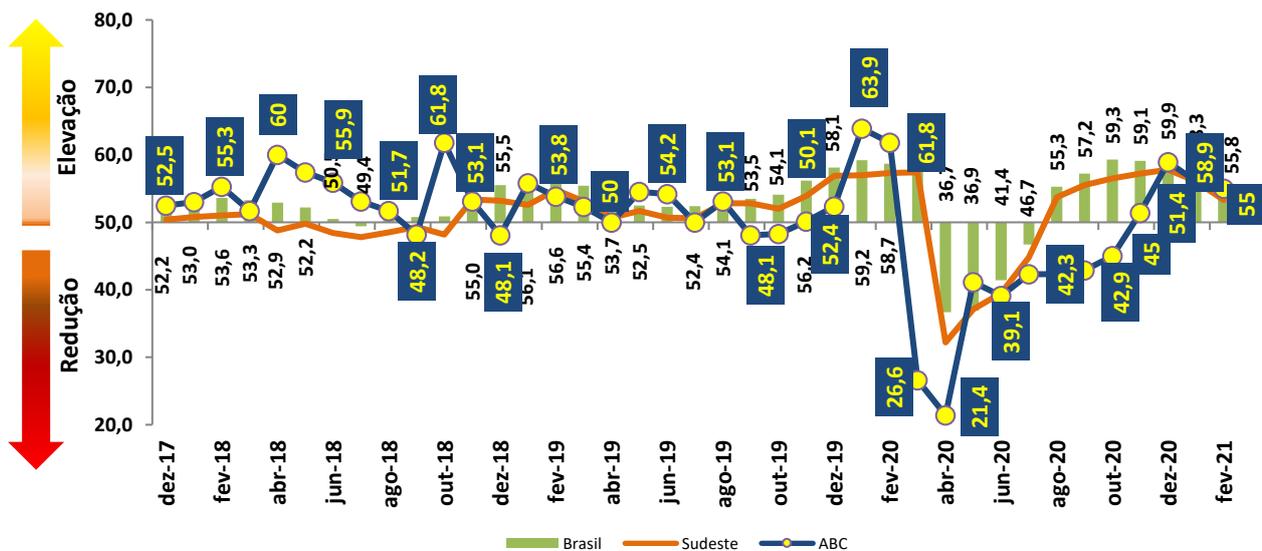
Segundo o IBGE, em 2020 houve uma retração de 0,8% na Formação Bruta de Capital Fixo na economia, que ficou em apenas 16,4% do PIB. Há mais de uma década se debate a necessidade de superar o desafio de conseguirmos ampliar o volume de investimentos na ampliação da capacidade produtiva. As divergências entre os analistas encontram-se especialmente sobre as melhores estratégias a serem adotadas para conseguir elevar a formação bruta de capital fixo na economia brasileira.

Desde meados do semestre passado a sondagem industrial apontou uma leve recuperação na intenção de investimento pelos empreendedores do setor. Entretanto, a série histórica não demonstra nenhum momento de forte intenção de investimento, em qualquer recorte espacial apontado no gráfico.



Entre abril e julho de 2020, o setor industrial apresentou uma retração na intenção de investimento no trimestre, comparativamente aos meses anteriores, no plano nacional. O que foi motivado pela retração da elevação da capacidade

Intenção de Investimento pela Indústria



As experiências internacionais demonstram que sem uma política produtiva eficiente do governo, com vistas não apenas à melhoria do ambiente de negócios, mas complementada com ações de estímulo à investimentos e mecanismos de fomento, o impulso à formação bruta de capital fixo mostra-se menos elástica.

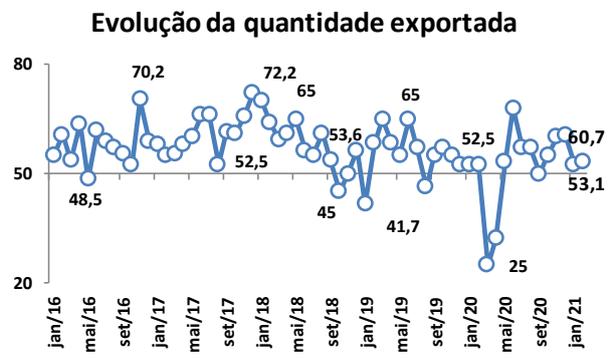
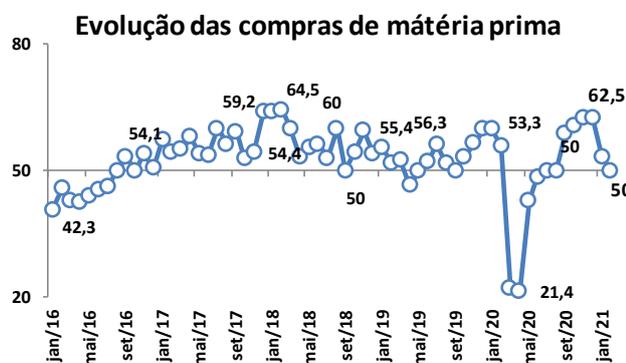
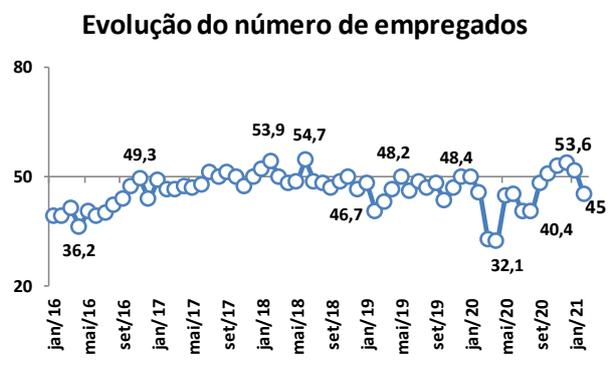
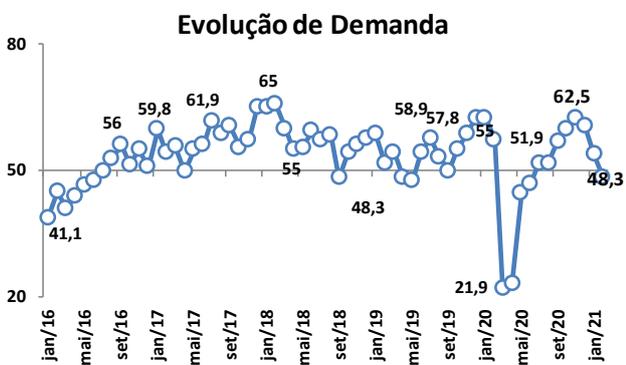
A recente experiência brasileira, na década de 2000, para não retomar a décadas longínquas, também exemplificam o impulso provocado por políticas produtivas ao fluxo de investimento. Em que pese avaliações críticas sobre a eficiência das ações adotadas na década de 2000.

Neste sentido, a avaliação dos gestores do setor industrial do Grande ABC apresenta

perspectivas defensivas, frente ao cenário econômico que se instalou nos últimos meses.

Nos últimos três meses encerrados em fevereiro os industriais apontaram uma queda sequencial nas perspectivas de evolução de demanda. O agravamento da condição sanitária do país frente a pandemia no mês de março deve trazer indicadores ainda mais tímidos para os meses seguintes. Na mesma linha seguem as perspectivas quando à compra de matéria prima, que consiste em uma decisão de demanda derivada por parte dos empreendedores da indústria. Da mesma forma que as perspectivas com relação à contratação de mão de obra.

ABC
Perspectivas do Setor Industrial



Perspectivas menos pessimistas se observam quanto ao volume de exportações. Se de um lado a taxa de câmbio com o R\$ desvalorizado encarece a importação de insumos produtivos, agravado pela escassez dos mesmos no mercado internacional, de outro lado esta taxa de câmbio torna as exportações brasileiras mais competitivas no mercado externo. Entretanto, não há nenhuma perspectiva significativamente otimista quanto às exportações, visto o cenário econômico mundial.

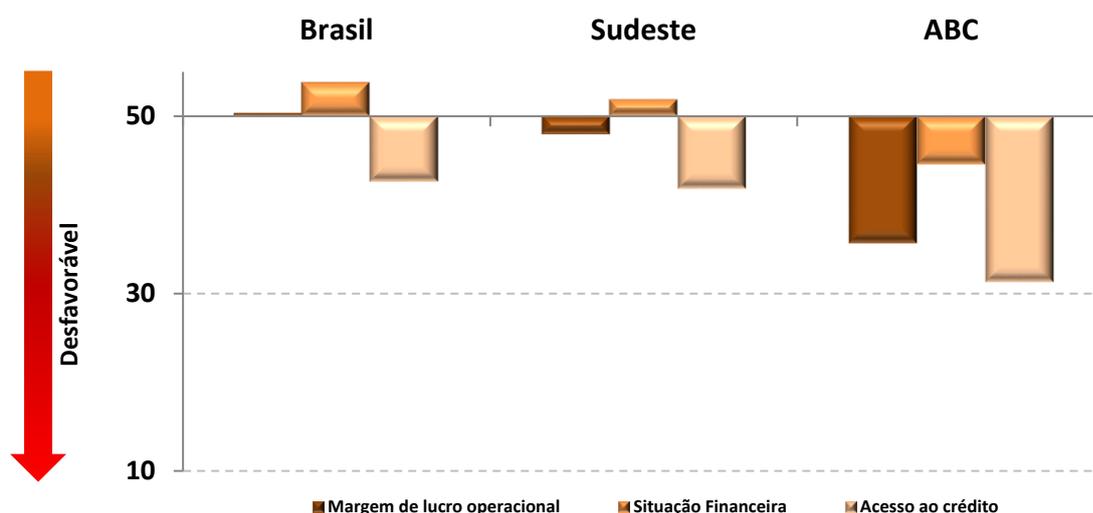
Quanto à condição financeira das empresas, comparada aos meses imediatamente anteriores, o mês de fevereiro registrou alguns indicadores de alívio ao longo do último ano, marcado pela pandemia.

Diante do atual contexto, a Sondagem Industrial registrou no mês de fevereiro melhora na condição

financeira das industriais no plano nacional e na região Sudeste. AS condições de financiamento, contudo, continuam desfavoráveis, como apontado nos Boletins IndustriABC anteriores.

O quadro apontado pelas empresas do setor do Grande ABC, contudo, mostram-se significativamente críticos. Esta dispersão do comportamento do setor industrial do Grande ABC está intimamente ligada à composição setorial da indústria na região. Tendo forte presença do segmento automobilístico, de máquinas e equipamentos e de metalurgia, que estão entre os setores com maior retração no volume de produção no último ano, conforme apontado pela PIM do IBGE, o setor industrial do Grande ABC aponta uma situação financeira mais desfavorável.

Condição Financeira das Empresas - fevereiro 2021



Frente ao atual contexto, a complexidade das relações econômicas globais que vinham se ampliando no período mais recente desde a crise financeira global de 2008, tende a ganhar contornos mais intrigantes frente ao atual contexto, e no período subsequente, quando as economias tenderão a não medir esforços para se recuperarem. Especialmente os países mais desenvolvidos e ou com maior capacidade econômica e política de impor seus interesses.

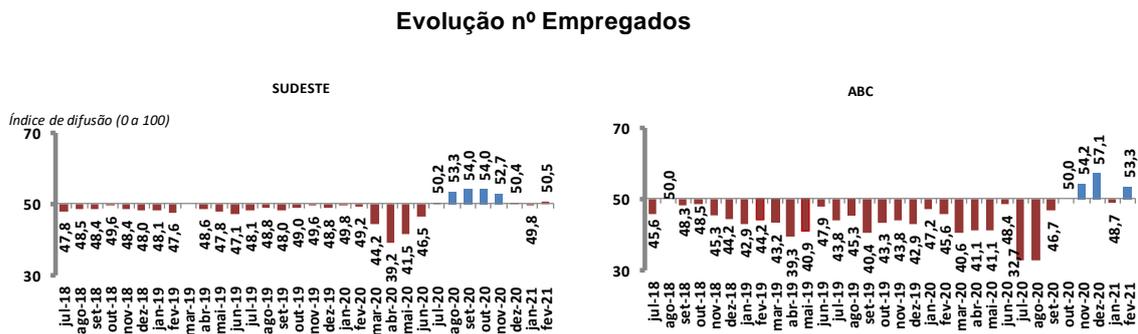
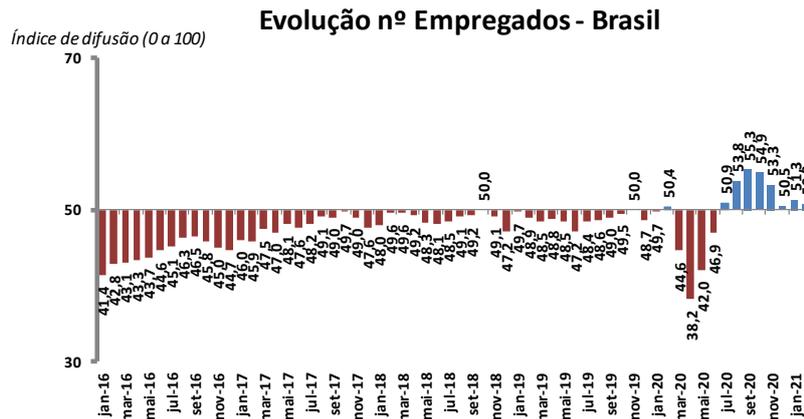
Em um cenário futuro que deverá ser marcado por maior protecionismo, estratégias defensivas mais audaciosas, as economias que não conseguirem adotar sólidas estratégias de desenvolvimento produtivo, que não estão desvinculados das estratégias tecnológicas,

tenderão a perder ainda mais espaço e tornar-se ainda mais dependente.

Embora não enxergue evidências relativas à uma postura mais ativa do governo local, em seus diferentes níveis, para adoção de uma estratégia de política produtiva mais eficiente e de longo prazo, eu espero que as dificuldades que estão estampadas no cenário nacional despertem a atenção dos *policy makers*.

A curto prazo, não há milagres ou poções mágicas. Continuaremos dependentes de uma ação mais eficiente no controle do contágio pelo SarsCov-2, e na expectativa da aceleração da vacinação em massa e dos efeitos positivos da mesma. Até o ministro da economia já declarou publicamente que no atual cenário a melhor medida para recuperação econômica é a vacinação em massa.

ANEXO





Observatório Econômico
Universidade Metodista de São Paulo
Escola de Gestão e Direito
Curso de Ciências Econômicas

Reitor

Dr. Márcio Oliverio

Diretor do Campus Rudge Ramos

Ms. Marcelo Santo

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Dr. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Dr. Moisés Pais dos Santos

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-5035